

PERIÓDICO DA EDIÇÃO

ESTUDO TEÓRICO ABORDANDO O TEMA REENCARNAÇÃO.

REENCARNAÇÃO E OS ESTUDOS CIENTÍFICOS

Antonio Aroldo Lins Soares

INSTITUTO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS ESPIRITAS

RESUMO: A temática reencarnação está presente em muitas investigações científicas. Ao longo dos anos, muitos pesquisadores sérios vem fazendo um trabalho árduo, tentando coletar mais dados e melhorar métodos investigativos. O presente artigo analisa pesquisas e autores a respeito de instigações sobre a reencarnação.

PEER REVIEW



Aprovado



Aprovado requerendo ajustes

INTRODUÇÃO

A reencarnação é um tema, não descoberto pelo Espiritismo, e que, sem dúvida alguma, norteia a lei de justiça divina relativamente à conduta de todos os filhos de Deus.

Nos últimos anos, o tema da reencarnação tem sido trazido à discussão, em suas múltiplas facetas, não apenas nos ambientes espíritas ou espiritualistas, mas, sobretudo, no meio científico, onde despontam inúmeros pesquisadores que se debruçam em varias hipóteses de trabalho, com vistas a mostrar à humanidade que não se encerra uma experiência de vida em uma única encarnação.

A preocupação na atualidade em aprofundar e acelerar os conhecimentos sobre reencarnação, trazê-la de volta à discussão como um dos pilares da doutrina espírita, na verdade, a sua verdadeira redescoberta, já foi enfatizada pelo estudioso Hermínio Miranda em *Reencarnação e Imortalidade*, quando afirmou:

“Quando se fizer, no futuro, um levantamento dos grandes equívocos do pensamento humano, um deles avultará de maneira singular, entre os maiores: o abandono da doutrina da reencarnação” (1975, p. 29).

“Creio não exagerar ao dizer que larga parte das mazelas que assolam a civilização moderna se deve ao desconhecimento dessa ideia tão simples e de tão importantes consequências morais para todo ser humano” (1975, p.29).

Corroborando com essa afirmativa, C. J. Ducase, no prólogo do livro de Ian Stevenson – *Reencarnação – Vinte Casos* -, cita o estudioso W. R. Alger, quando ele diz em 1880, em seu livro *A Critical History of the Doctrine of a Future Life*:

“...a teoria da transmigração de almas é maravilhosamente adaptada para explicar o aparente caos da desigualdade moral, da injustiça e dos muitos males apresentados no mundo da vida humana”.

No momento, portanto, em que a humanidade amadurece pelo volume de conhecimento acumulado, pela expansão do nível de consciência do ser humano e pelo desejo de se buscar respostas racionais para explicar a existência mesma da vida, é importante que o meio científico e, notadamente, o acadêmico, empreendam pesquisas ditas não convencionais na direção de se investigar a reencarnação como uma lei universal, como o são as leis da química, da física e da biologia.

Continua o autor, na mesma obra:

O presente trabalho busca contextualizar o pensamento histórico e atual, em diversos ângulos, sobre esse intrigante tema da reencarnação.

RESENHA HISTÓRICA

A ideia que permeia as vidas sucessivas, além de não se constituir uma criação da doutrina espírita, é extremamente remota na história da humanidade.

Assim é que a reencarnação ou doutrina das vidas sucessivas, remonta à antiga civilização na Índia, perpassando toda a Ásia e a Grécia, que acreditavam na imortalidade da alma e no seu retorno a um novo corpo físico, como forma de crescimento do indivíduo.

Encontram-se nas escrituras sagradas do hinduísmo, os Upanixades, as primeiras indicações sobre o conceito de reencarnação, há mais ou menos 2.600 anos.

Em verdade, no Bhagavad-Gita, há centenas de anos, vê-se retratado o seguinte diálogo entre Krisna e o seu discípulo, o jovem príncipe Arjuna, que se constitui no Cântico da Imortalidade:

“Como se deixam vestes gastas para usar vestes novas, assim o espírito deixa o corpo usado para revestir novos corpos.

Eu tive muitos nascimentos, Ó Arjuna, e tu também.

Eu os conheço todos; tu, porém, não os conhece.

Chegadas até mim essas grandes almas que atingiram a perfeição suprema, não entram mais nessa vida perecível, morada de males.

Os mundos voltarão a Brahma, Ó Arjuna, mas aquele que me atinge, não deve mais renascer”.

Tem-se aqui, claramente, a ideia da reencarnação como um postulado já inoculado naquela civilização antiga, mesmo que para conhecimento de poucos, mas um germe que se disseminaria para todos os povos.

Já entre os gregos, coube a Pitágoras, filósofo e matemático, nascido na ilha de Samos, no mar Egeu (570 a 496 a.C.), introduzir em seu país a doutrina da reencarnação, aprendida em seus deslocamentos à Índia e à Pérsia, este último trazendo o conceito de vidas sucessivas em sua religião oficial, o Mazdeísmo.

Segundo DELANNE, Pitágoras

“...tinha duas doutrinas, uma reservada aos iniciados, que frequentavam os Mistérios, e outra

destinada ao povo; esta última deu nascimento ao erro da metempsicose” (1990, p.23).

Cabe destacar igualmente que o grande filósofo Platão (427 a 399 a.C.), discípulo de Sócrates, já afirmava que a alma, antes de seguir para a bem-aventurança eterna, deveria nascer inúmeras vezes, até mesmo durante dez mil anos.

Prosseguindo, vê-se a seguir a escola Neoplatônica, que tem como um de seus primeiros discípulos Plotino (205 a 270 d.C.), que não aceitava a metempsicose e foi taxativo na sua visão quando disse, segundo Delanne, no livro IX da segunda “*Enéada*”:

“A providência dos deuses assegura a cada um de nós a sorte que lhe convém, e que é harmônica com seus antecedentes, conforme suas vidas sucessivas” (1990, p.25).

Mesmo entre os romanos, que se serviram dos conhecimentos da Grécia, encontramos nomes expoentes favoráveis à reencarnação, como Cícero (capítulo II do “*Sonho de Scipião*”), Ovídio (*Metamorfoses*, cap. IX e IV do livro da “*Eneida*”) e Virgílio (“Todas as almas, ainda que por milhares de anos tenham retornado à roda desta existência – nos Elíseos ou no Tártaro – Deus as chama em números enxames ao rio *Léthé*, a fim de que, privadas de recordações, revejam os lugares superiores e convexos e comecem a querer voltar ao corpo”).

Pode-se também verificar a tese das múltiplas vidas entre os gauleses, fato contido no livro *Guerra das Gálias*, escrito por César, onde ele é taxativo e diz, falando dos druidas:

“Uma crença que eles procuram sempre estabelecer é a de que as almas não perecem e que, depois da morte, passam de um corpo para outro”.

Entre os judeus, vale recordar a figura de Flavius Josephus, considerado um dos maiores historiadores de sua época, nascido em Jerusalém (37 d.C. a 100), que revela que a reencarnação era adotada pelos fariseus e ele próprio a tinha como profissão de fé.

De acordo com Denis, “o padre Didon o confirma nestes termos em sua *Vida de Jesus*: ‘Entre o povo judeu e mesmo nas escolas acreditava-se na volta da alma dos

da alma dos mortos na pessoa dos vivos” (2001, p.256).

Agora, não se poderia deixar de ressaltar a concepção reencarnacionista na Igreja e na própria Bíblia. Na primeira, é conveniente lembrar que o padre Orígenes a aceitava plenamente e o faz de forma veemente em seu livro 1º - *Princípios*. O mesmo pode-se dizer de santo Agostinho em suas *Confissões*, quando é peremptório e afirma:

“Não teria minha infância atual sucedido a uma outra idade antes dela extinta?... Antes mesmo desse tempo, teria eu estado em alguma lugar? Seria alguém?”

Na Bíblia, tem-se claramente em Jeremias, 1:5:

“Antes que eu te formasse no ventre materno eu te conheci, e antes que saíesses da madre, te consagrei e te constitui profeta às nações” (1969, p.747)

O grande profeta desceu a este mundo consagrado por Deus para cumprir sua missão com as qualidades espirituais de que já era portador.

O Novo Testamento, no entanto, nos traz a palavra sublime de Jesus nos casos de Elias e Nicodemos.

Sobre Elias, assim narra o Evangelista Mateus (11:13-15):

“Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João.
E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.
Quem tem ouvidos (para ouvir), ouça”.

Jesus é cristalino nessa passagem, não deixando margens de dúvida quanto à volta de Elias no corpo de João Batista.

Merece destaque o diálogo de Jesus com o homem da lei judaica, o fariseu e doutor da lei Nicodemos. O evangelista João narra esse encontro da seguinte forma (João, 3:3-7):

“A isto respondeu Jesus: Em Verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.
Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.

Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo”.

Jesus mais uma vez se mostra claro em suas convicções sobre a necessidade de se retornar ao corpo denso da carne, quantas vezes seja necessário, para se conquistar o reino de Deus.

É interessante considerar que, mesmo com uma bagagem histórica de centenas de anos, a tese da preexistência da alma e do renascimento só veio a ser anatematizada por ordem do imperador Justiniano, que se achava à frente do império Bizantino, mas sob influência da imperatriz Theodora, fez com que essas teses fossem severamente proscritas pela Igreja, toda poderosa, durante a realização do V Concílio de Constantinopla, em 553.

Esse conhecimento passou a ser absorvido nas sociedades secretas e transmitido de forma oral para as gerações futuras, com sérios riscos para seus adeptos, que passaram a ser considerados hereges e sujeitos à pena de morte.

Somente após a passagem desta época negra para a humanidade, quando os alvores da liberdade voltaram a tona, é que os grandes pensadores, filósofos de escol como Leibniz, Dupont de Nemours, Fourier e tantos outros, voltaram a se debruçar sobre essa temática da reencarnação.

Mesmo assim, apenas após o lançamento do *Livro dos Espíritos* em 1857 pelo professor francês Hipolyte Denizard Rivail, cognominado Allan Kardec, nome de uma antiga encarnação druída, foi que os fundamentos da reencarnação foram lançados em bases racionais, dentro de uma lógica filosófica que não deixa margem a dúvidas quanto à forma justa do processo de desenvolvimento de cada ser.

Tanto assim que indagando aos Espíritos Superiores sobre “Qual o objetivo da reencarnação?”, eles responderam: “Expição, aprimoramento da Humanidade, sem o que, onde estaria a justiça?”

Na atualidade, o estudo desta temática já se acha

bastante disseminado, levando milhares de pessoas, de forma consciente, a pautarem suas vidas diante desta realidade, com transformações interiores profundas, que só beneficiam o progresso comum.

CONCEITO E OBJETIVOS DA REENCARNAÇÃO

Reencarnação, igualmente chamada *Palingenesia*, do grego *Palin*, de novo, gênese, nascimento, significa literalmente retorno do espírito a um novo corpo físico, para uma nova experiência na carne.

Como se é criado simples e ignorante, faz-se necessário “*várias existências físicas*” (Q. 166, Livro dos Espíritos) para que o Espírito se despoje de todas as suas impurezas e, assim, não necessite passar mais pelas provas da vida corporal.

O objetivo da reencarnação, de acordo com KARDEC está assim definido:

“Expição, aprimoramento progressivo da Humanidade, sem que, onde estaria a justiça?” (2007. Q.167, p.104).

Entretanto, o número de encarnações é distinto para cada ser, que avança na direção do progresso na velocidade do desejo do seu livre arbítrio.

O conceito de reencarnação não deve ser confundido com *ressurreição*, que significa retorno ao mesmo corpo físico, situação impossível, de vez que o antigo corpo já foi totalmente absorvido pela Natureza em seus múltiplos elementos.

Muito menos não pode ser encarada como *metempsicose*, que é o retorno do espírito em um corpo de animal, tese refutada pela doutrina dos espíritos, por se entender que não há retrocesso no processo evolutivo do Espírito. A espécie humana é a única que pode abrigar a encarnação de Espíritos. Sobre o assunto, assim fala KARDEC:

“...Do momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanidade, ele não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, não há mais do animal senão o corpo,

e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, então, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal e, por conseguinte, a metempsicose, tal como entendida, não é exata”. (2007. Q.611 p. 253).

É bom frisar que a reencarnação está calcada fundamentalmente na justiça divina que, além de ofertar novas oportunidades para a depuração dos erros de cada um, enseja o ser de esperanças pelas luzes que abre da realidade do plano espiritual às almas que envidam grandes esforços na direção do bem.

O grande objetivo, pois, das vidas sucessivas, não é outro senão a expansão da consciência e o consequente aprimoramento do Espírito em sua jornada evolutiva.

EVIDÊNCIA CIENTÍFICA

Apesar de aceita por grande parte da humanidade, a reencarnação ainda encontra fortes barreiras no seio da população e do meio científico, por não se ter até o momento uma prova irrefutável, dentro dos paradigmas cartesianos da ciência, da sua real concretização.

Muitos são os autores e os métodos adotados para se estudar o problema, no entanto, ainda se carece de uma metodologia investigativa que não deixe dúvidas quanto à realidade desse fenômeno.

Sem dúvida que a maior dificuldade reside exatamente no fato de se tratar de um fenômeno que se passa em duas realidades vibratórias bem distintas, ou seja, o plano físico, dos encarnados, e o plano espiritual, não observável pelos laboratórios.

A pesquisa científica, conceituada por ANDRADE como:

“o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos” (2003, p. 121).

Não encontra validade se não executada mediante rigorosos critérios de processamento das informações e um planejamento que não fuja das normas metodológicas aceitas pela ciência.

Assim, o conhecimento advindo do senso comum ou popular, aquele que é revelado ou dito religioso, bem como o filosófico, oriundo do ato de pensar sobre determinados problemas e achar respostas não mensuráveis, não encontram respaldo no meio científico.

A ciência aceita como método apenas aquele *“procedimento regular, explícito e passível de ser repetido para conseguir-se alguma coisa, seja material ou conceitual”* (BUNGE, 1980, p.19).

Segundo SHRODER,

“...para a ciência, em seus aspectos mais ortodoxos, o que conta é a experimentação, a existência de provas conclusivas, a possibilidade de repetir experiências em ambientes, situações e momentos diversos”. (p.2).

Vai mais além o autor, quando diz que:

“Stevenson, como qualquer cientista moderno que conhece o terreno em que está pisando, sabe que existem temas de pesquisa que simplesmente não se encaixam nessas exigências”. (p. 2-3).

Em decorrência desses conceitos, são as seguintes as dificuldades de se aprofundar qualquer pesquisa sobre reencarnação:

1. A impossibilidade de investigação em laboratório, uma vez que tais fenômenos, sobretudo as coletas espontâneas de informações, não podem ser repetidas de forma programada ou mesmo vistas através de microscópios ou outros aparelhos de controle científico.
2. Não existe ainda nenhuma evidência sobre algum mecanismo por meio do qual a reencarnação se tornaria possível. Isso significa que não existe um instrumento através do qual, objetivamente, se possa detectar uma “alma” que estaria retornando com recordações e atributos pessoais e muito menos se qualificando para entrar em outro corpo.
3. A ciência ainda é extremamente cautelosa, como deve ser, e conservadora, não se permitindo penetrar em uma área onde não tenha pleno

domínio e controle efetivo de suas inúmeras etapas metodológicas.

Por isso, o processo de reencarnação por não ser suscetível de observação em todo o seu desenrolar e, por isso mesmo, de difícil comprovação, não pode ser estudado à luz da metodologia científica convencional, que exige informações pertinentes, seleção das fontes, tratamento das informações, uma sólida base teórica, além da confiabilidade e um elevado grau de generalidade.

Em que pese todos esses aspectos desestimuladores, o fato é que o processo de vidas sucessivas aceito por grande parte da humanidade é real, e se coaduna com os princípios de justiça, carecendo de uma efetiva comprovação para se mudar em definitivo os paradigmas científicos e filosóficos, bem como proporcionar um salto de qualidade no encaminhamento evolutivo da sociedade humana.

O avanço paulatino do homem para a sua plena conscientização da realidade do espírito, tem ensejado muitos estudiosos, utilizando variados métodos de análise e observação, a pesquisarem o tema da reencarnação e, inclusive, com resultados que sugerem fortemente o trânsito de espíritos no seu retorno para novas experiências na carne.

Por isso, citamos Kardec, quando diz: *“...uma ideia não atravessa os tempos e é aceita por inteligências destacadas, sem ter um lado sério”*. (LE, 2007, cap. V, p. 122).

PRINCIPAIS PESQUISADORES SOBRE REENCARNAÇÃO

Um dos mais respeitados pesquisadores na área da reencarnação foi o professor Hemendra Nath Banerjee, indiano que nasceu em 1929 e desencarnou em 1985. Banerjee era médico psiquiatra e foi diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, tendo pesquisado mais de 2.000 casos sugestivos de reencarnação.

Dentre outras publicações, deixou como legado o livro *Vida Pretérita e Passada*, em que discorre sobre seus 25 anos de estudo relativo ao tema da reencarnação, apresentando casos dentre os mais de 1.100 estudados na Índia, muitos países do Oriente e, inclusive, os Estados Unidos, onde havia, então, forte aversão do meio científico a esse tema.

O professor Banerjee sempre trabalhou em cima de rigorosos métodos científicos, e sempre levando em conta várias hipóteses, como a captação de lembranças através de meios normais, a percepção extra-sensorial e a possibilidade de fraude.

Em uma conferência no Brasil, o professor Banerjee afirmou que “*a reencarnação não é parte de nenhuma religião específica, mas sim da experiência humana, e não se relaciona com nenhuma religião em particular*”.

Em função dos estudos do professor Banerjee, a reencarnação começou a despertar o interesse de vários pesquisadores, cabendo citar o do professor Ian Pretyman Stevenson, canadense nascido em Montreal em 31 de outubro de 1918 e radicado nos Estados Unidos, onde veio a desencarnar em 8 de fevereiro de 2007.

O professor Stevenson, cientista e chefe do Departamento de Psiquiatria e Ciências Neurocomportamentais da Universidade de Virginia, EUA, foi um dos mais renomados pesquisadores na área das experiências espirituais, sobretudo a reencarnação, além de se dedicar ao estudo da percepção extra-sensorial, sobre a problemática do relacionamento entre mente e cérebro e a continuidade da personalidade após a morte.

Stevenson veio a se tornar o fundador da moderna pesquisa científica sobre a reencarnação, tornando-se bastante visível com o estudo dos casos de crianças que lembravam de vidas passadas sem o uso da hipnose, isto é, de forma espontânea.

Extremamente cauteloso, como convém a um cientista, Ian Stevenson somente para as comunidades acadêmica e científica, publicou mais de 200 artigos e vários livros – destaque para *Reencarnação – Vinte Casos* – com muita riqueza metodológica e rico em argumentos e detalhes, envolvendo mais de 3.000 casos, que o autor afirma serem “*casos sugestivos de*

reencarnação”, ou ainda, “*casos do tipo de reencarnações*”.

Os inúmeros estudos de caso do professor Ian Stevenson envolvem crianças entre 2 a 4 anos que recordavam experiências passadas, lembrando claramente como haviam morrido e por ocasião da pesquisa habitavam a África, o Alaska, a Columbia Britânica, a Índia, a Birmânia, a América do Sul, inclusive o Brasil, o Líbano, a Turquia e outras localidades.

Em sua empreitada, o professor Stevenson teve sempre o cuidado de reunir testemunhos, registros médicos com informações sobre os sinais de nascença, os defeitos de nascimento, bem como outros aspectos físicos da reencarnação.

Dando continuidade aos estudos do professor Ian Stevenson, o dr. Jim Tucker, pesquisador da Divisão de Estudos da Percepção da Universidade de Virginia, após conhecer o pioneirismo do seu mestre, tem catalogado, nos últimos 15 anos, mais de 25 mil casos de crianças que relatam memórias de vidas passadas.

Aqui, o pesquisador busca documentar evidências de que a criança teve conexão com uma vida passada, sem que isso possa efetivamente comprovar que se trata de reencarnação, uma vez que esta não é a única hipótese plausível para o fenômeno. Pode, sim, haver uma evidência de que as crianças têm um tipo de conexão psíquica, e não de que tiveram vidas passadas. Escreveu o livro *Vida Antes da Vida – Uma Investigação Científica de Memória de Vidas Passadas de Crianças*.

Cabe destacar igualmente o iminente cientista, neurologista e psiquiatra norte-americano Brian L. Weiss, professor catedrático no Mount Sinai Medical Center, que despertou seu interesse pelo conhecimento de vidas passadas, a partir de quanto utilizou o método de regressão de memória em uma paciente que, sob hipnose, voltou 4.000 anos no tempo.

Este caso está relatado no seu livro *Em Muitas Vidas, Muitos Mestres* que, de forma surpreendente, disseminou o método da Terapia de Vidas Passadas.

Não se pode deixar de mencionar o psiquiatra, psicólogo, parapsicólogo e filósofo americano, dr. Raymond Moody, autor do livro *Vida Depois da Vida*,

criador da expressão “*experiência de quase-morte*” em 1975, tendo colhido o depoimento de 150 pessoas com morte clínica. É também um pesquisador sobre regressão a vidas passadas e tem a firme convicção de que ele próprio já teve nove reencarnações.

No Brasil, não se poderia deixar de mencionar o nome ilustre do dr. Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), tendo sido considerado o maior pesquisador do espiritismo contemporâneo.

Como engenheiro, foi fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP, tendo deixado um trabalho profícuo nos campos da parapsicologia, psicobiofísica, transcomunicação instrumental e reencarnação. Chegou a analisar a fundo 75 casos sugestivos de reencarnação, dos quais 8 deles estão relatados no seu livro *Reencarnação no Brasil*. Desenvolveu ainda duas monografias sobre o tema: *Um caso que sugere reencarnação: Jacira e Ronaldo* e *Um caso que sugere reencarnação: Simone e Angelina*.

PESQUISAS SOBRE REENCARNAÇÃO

É importante reconhecer que nas últimas décadas muitos cientistas tem se dedicado ao estudo da relação entre ciência e espiritualidade, mesmo que sem o pragmatismo da busca de provas, mas criando um arcabouço teórico sobre conceitos arraigados do espiritismo.

Veja-se, por exemplo, GOSWAMI, físico indiano naturalizado americano, quando diz:

“Existe mesmo uma alma que sobreviva à mente e transmigre de um corpo para outro? Vou mostrar que, quando as ideias quânticas são incluídas em nosso modelo de consciência, no contexto da ciência idealista, há uma entidade semelhante à alma – que chamo de “mônada quântica” –, agindo como mediador da reencarnação”. (2006, p.12).

Diz-nos ainda o conceituado pesquisador:

“Agora, é possível ver o que acontece quando morremos. O corpo físico morre com todas as suas memórias clássicas. Mas o corpo sutil, a mônada, não tem estrutura; não há nele nada para morrer. A mônada, com sua memória quântica, com seus componentes condicionados vital e

mental, permanece disponível como um aglomerado de possibilidades condicionadas vitais e mentais”. (2006, p. 149).

E mais:

“Por conseguinte, a mônada, a sobrevivente à morte do corpo material, forma um *continuum* com as encarnações físicas, pois transporta, por meio de seus corpos sutis mental e vital, parte da identidade” (2006, p. 149).

A ciência, assim, vem se aproximando, paulatinamente, de demonstrar evidências plausíveis acerca da reencarnação.

A seguir, as principais evidências que sugerem processo reencarnatório estudadas pelos principais cientistas da atualidade.

1. MEMÓRIA EXTRA CEREBRAL (MEC)

Pode ser caracterizada pelas lembranças espontâneas de vidas passadas, observadas sobretudo nas recordações de crianças com a idade entre 2 e 3 anos, podendo ir um pouco mais além.

Consoante o pesquisador dr. Ricardo di Bernardi, “*nesta fase, o corpo espiritual ainda não está totalmente internado no sistema nervoso central, porque falta estrutura, falta desenvolvimento cerebral*”.

A reencarnação, aqui, ainda não se efetivou plenamente, permitindo, assim, que se abram janelas psíquicas, campos de percepção do seu próprio inconsciente de suas vidas passadas ou mesmo campos de percepção do mundo espiritual.

Daí, ser extremamente comum crianças brincarem com amiguinhos invisíveis ou espíritos amigos.

Vale citar um dos maiores estudiosos na análise da MEC, professor Ian Stevenson, que, analisando mais de 2.000 casos, afirma categórico que:

“...a evidência mais forte da reencarnação parece surgir de casos espontâneos, especialmente, em crianças” (2001, p. 31).

Buscando identificar a criança com a personalidade anterior, aspecto mais relevante de suas pesquisas, Stevenson demonstrou extremo cuidado com o método, quanto:

- “- a registrar as informações das crianças;
- ao reconhecimento das pessoas e lugares citados na suposta vida anterior;
- ao relato de testemunhas, inclusive em intervalos de tempo;
- a colher dados das famílias e da comunidade relacionados aos fatos em análise;
- a comparar dados e informações revelados por pessoas entrevistadas em datas diferentes, para assegurar sua veracidade”.

Sem dúvida, que, mesmo com os cuidados que uma pesquisa dessa natureza exige, vale acrescentar que a maioria dos casos examinados por Stevenson são muito ricos em detalhes, extremamente sugestivos de reencarnação.

Ainda sobre o fenômeno da memória extracerebral, vale a pena trazer à luz o pensamento de RODRIGUES:

“ Existe a lei da conservação de energia. O Ser humano é uma manifestação de vórtices energéticos, assim como os pensamentos que emitem ondas de indeterminados tipos. Então as ideias, experiências, capacidade, conhecimentos, ou seja, toda a informação acumulada pelo homem através de toda a sua vida não pode, na morte, desaparecer definitivamente sem deixar rastros, porque isso seria a negação e uma contradição da lei universal (conservação de energia).

Vibração, irradiação etc..., são fenômenos materiais registráveis. Depois da libertação que segue à morte física, essa energia existe como um ‘condensado energético’ no espaço cósmico e representa uma parte da consciência do homem. Logo o organismo que nasce, por seu tipo de estrutura energética (vibrações e outras qualidades ainda desconhecidas), corresponde ao tipo desse ‘condensado’, o assimila e preenche o ‘vazio’”. (1985, p. 181-182).

2. TERAPIA REGRESSIVA DE VIVÊNCIAS PASSADAS (TRVP)

Esta é igualmente uma maneira de se chegar a informações de vidas passadas, só que sem o uso

da hipnose, uma vez que o paciente acha-se plenamente consciente em todo o processo, podendo mesmo ser chamada de uma hipnose superficial.

Foi o doutor em psicologia Morris Netherton quem cunhou em 1967 o termo Terapia de Vidas Passadas, quando desenvolveu um método próprio de hipnose, que chamou de Hipnose Ativa. Nesta técnica o que se percebe é que o indivíduo regressaria a um passado além do limiar da vida atual, onde se acha um verdadeiro depósito mnemônico, que Banerjee chamou de “memória cerebral”.

Em sua aplicação terapêutica, ao se atingir o núcleo do trauma, o inconsciente libera o material psíquico, através de uma catarse, dando alívio dos sintomas ao paciente.

De acordo com NOVAES, a TRVP,

“é o termo empregado para a técnica introdutória ao método terapêutico usado pelos profissionais em psicologia, que buscam (ou que encontram, pois o fato surgiu antes da teoria), através da regressão de memória, a provável causa dos conflitos de seus pacientes, em épocas anteriores à existência atual, como também em períodos da infância presente e durante a vida intrauterina” (2003, p.50).

Existem pesquisadores em todo o mundo que se utilizam da TRVP para documentar a reencarnação, considerando, sobretudo, o aspecto da memória passada do indivíduo.

Isso porque entendem que as memórias não se acham no seu conteúdo inconsciente armazenadas no córtex cerebral, mas se localizam num organismo subjacente, que pode ser acessado através de um mecanismo ainda desconhecido, mas que se acha intimamente ligado ao consciente.

Do ponto de vista espírita, o consenso é de que as lembranças de outras vidas estariam intrinsicamente ligadas ao desligamento momentâneo do corpo físico e do perísprito, estando as informações disponibilizadas neste último.

Em verdade, ainda de acordo com NOVAES, “No processo da reencarnação, penetra-se num

corpo físico com frequências diferentes das existentes no corpo espiritual. As memórias estariam em diferentes frequências do corpo espiritual” (2003, p. 52).

Isso denota que, além do nível consciente, temos ainda o inconsciente presente (informações da vida atual) e o inconsciente passado (arquivo das vidas passadas), cujos arquétipos, provocados, vem à superfície.

3. HIPNOSE

Palavra que deriva do grego (*hipnos = sono*) e do latim (*osis – ação ou processo*), deve o seu nome ao médico e pesquisador britânico James Braid (1795-1860), que o imaginava tratar-se de sono induzido.

Modernamente, segundo Milton Erickson, a hipnose é

“um estado alterado de consciência, ou é o estado de consciência no qual o conhecimento que você adquiriu durante toda sua vida e que você usa automaticamente torna-se, de repente, disponível”.

Já a Sociedade Brasileira de Hipnose conceitua o termo como:

“abrangendo qualquer procedimento que venha causar, por meio de sugestões, mudanças no estado físico e mental, podendo produzir alterações na percepção, nas sensações, no comportamento, nos sentimentos, nos pensamentos e na memória”.

4. GÊNIOS PRECOCES

Nesta classe são consideradas aquelas crianças que se destacam pelo desenvolvimento das faculdades e capacidades de uma forma nitidamente prematura, apresentando criações mentais em nível de gênios.

A doutrina espírita, compreendendo que o indivíduo é um ser imortal, tendendo, claro, à perfeição, como tal não pode em apenas alguns poucos anos de vida adquirir conhecimentos compatíveis com um estado de gênio.

Assim, apenas a teoria reencarnacionista pode oferecer à ciência um poder explicativo capaz de justificar o surgimento de crianças superdotadas.

Alguns exemplos, à guisa de informação:

- a) Wolfgang Amadeus MOZART (1756-1791), nascido na Áustria, aos 4 anos de idade era capaz de executar uma sonata ao piano. Aos 5 anos, começou a compor minuetos e outras peças musicais. Aos 8 anos já compunha uma ópera. Tocava também outros instrumentos e é considerado hoje um dos maiores gênios precoces do mundo.
- b) Blaise PASCAL (1623-1662) - Foi um célebre cientista francês. Bem cedo, mostrou seu talento na área da matemática. Pascal aprendeu geometria sozinho, descobrindo, aos 11 anos, um novo sistema geométrico. Ao completar 12 anos, escreveu um livro na área da física, sobre acústica. Aos 17 anos, alcançou enorme sucesso com sua obra *Essai pour les coniques*.
- c) William HAMILTON (1805-1865) – Irlandês, começou a falar a língua hebraica aos 3 anos de idade e, aos 7, foi declarado membro do Trinity College, em Dublin, Irlanda, tendo demonstrado, nessa idade conhecimentos mais profundos do que a maior parte dos candidatos ao magistério. Com 13 anos já falava 13 línguas clássicas e modernas. Aos 18 anos, já era considerado o maior matemático da Grã-Bretanha.
- d) Gianella de MARCO, uma criança italiana, em 1953, com apenas 8 anos, conduziu a Orquestra Filarmônica de Londres no Albert Hall.
- e) Francis BACON (1561-1626), nascido em Londres, começou a cursar a Universidade de Cambridge logo aos 12 anos. Aos 15 anos, ingressou no Gray's Inn (Forum), onde foi admitido como advogado.
- f) Gottfried W. LEIBNITZ (1646-1716) – Alemão, aos 8 anos, sem ter tido mestre, falava o latim, aos 12, grego. Aos 15 anos ingressou na Universidade e aos 20 anos recebeu o título de doutor.
- g) Carl Friedrich GAUSS (1777-1855) - Alemão, aos 3 anos, resolveu alguns problemas de matemática.

- h) Alfredo TROMBETTI (1866-1926) - Italiano, que conhecia entre línguas e dialetos, perto de 300, já falava, aos 12 anos, além de sua língua natal, o alemão, o francês, o latim, o grego e o hebraico.
- i) O famoso engenheiro sueco, ERICSON, aos 12 anos de idade, era inspetor do canal marítimo de Suez e tinha sob suas ordens 600 operários.
- j) NAPOLEÃO Bonaparte (1769-1821) – Francês, aprendeu a ler antes dos 5 anos e, aos 7, já organizava grupos de pequenos colegas, com os quais simulava batalhas. Aos 27 anos tornou-se general.
- k) MICHELANGELO (Miguel Ângelo Buonarroti – 1475-1564). Italiano, já era um magistral artista aos 12 anos e mesmo com 8 anos já tinha uma técnica perfeita.
- l) VOLTAIRE (1694-1778) – Filósofo francês, aprendeu a ler aos 3 anos.
- m) Honoré de BALZAC (1799-1850). Francês, aos 8 anos já compunha pequenas comédias. Um dos mais importantes escritores do romantismo francês.
- n) Thomas YOUNG (1773-1829), o descobridor da teoria ondulatória da luz, lia aos 2 anos de idade com muita facilidade e, aos 4, já havia lido a Bíblia duas vezes.

A explicação plausível para tais casos está calcada, sem dúvida, na estrutura transcendental do corpo espiritual, que vibra em outra dimensão e traz em seu bojo os arquivos energéticos de vidas passadas, que se constituem em sua individualidade.

Entende-se que a hereditariedade genética, por si só, não é capaz de explicar fortemente os fenômenos dos gênios precoces.

Também não se pode explicar pela educação, pois não houve ainda tempo hábil para tanto. Assim, esses indivíduos se utilizam de arquivos de vidas anteriores. São crianças que já foram adultos e já labutaram em suas áreas e trazem esse conhecimento nos seus inconscientes.

5. BÍBLIA

O Velho Testamento traz á luz em Jeremias 1:5:

“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações” (p. 747)

Nada mais claro para se entender que o velho profeta já existia no plano espiritual antes de sua encarnação missionária.

No Novo Testamento, temos a lição do Mestre Jesus acerca de Elias, relatada assim em Mateus, 17:10-13:

“Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?

Então Jesus respondeu: De fato Elias virá e restaurará todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram.

Assim também o Filho do homem há de padecer nas mãos deles.

Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista”. (p.26).

Quando Jesus afirma taxativo que “Elias já veio”, não deixa margem de dúvida quanto à nova encarnação desse Espírito iluminado no corpo de João Batista.

Ainda no Novo Testamento, Jesus é novamente claro quando dialoga com Nicodemos, um fariseu doutor da Lei, assim relatado por João (III, 3-7):

“A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade, te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade, te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne, é carne; e o que nascido do Espírito, é espírito.

Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo”.

O nascer de novo, segundo Jesus, é retornar ao corpo de carne, em nova encarnação.

6. OUTRAS EVIDÊNCIAS

6.1.– Informações dos Espíritos

A literatura espírita encontra-se repleta de comunicações mediúnicas relatando acerca da reencarnação, do seu processo, com relato de casos, mas que só atendem ao público espírita ou indivíduos com maior sensibilidade, mas que destituídos de provas científicas.

6.2.– Lógica

Do ponto de vista filosófico, Deus, na sua imensa sabedoria instituiu a reencarnação como um mecanismo de justiça, por entender ser uma única vida totalmente incompatível com essa mesma justiça.

Por demonstrar absoluta igualdade por cada um de seus filhos, Deus mostra através da reencarnação a possibilidade de qualquer pessoa evoluir, desenvolver aptidões, alcançar a sabedoria e a felicidade.

6.3.– Referências Históricas e Estatísticas

A reencarnação sempre fez parte da história da humanidade. Esteve entre os egípcios faraônicos, que eram reencarnacionistas e ensinavam essa tese em seus templos. Entre os gregos, cabendo citar Sócrates e Platão. No Huidismo, no Budismo, no Islamismo.

No Judaísmo acha-se na Torah, no Zohar e o próprio Cristianismo era adepto da reencarnação até o II Concílio de Constantinopla em 553 d.C.

Vale ressaltar que, na atualidade, 70% da população mundial crê na reencarnação.

6.4.– Déjà-vu

Sensação de já ter visto. Muitas vezes a pessoa vai a um local e reconhece que já esteve ali em uma vida anterior. Em realidade, o indivíduo guarda em seu arquivo inconsciente a história do lugar e, quando passa por ele, o campo vibratório, a energia daquele lugar faz ressonância e aquilo eclode e dá emocionalmente uma forte reação.

6.5.– Sonhos recorrentes

Em que o indivíduo, a partir de sonhos que se repetem, tem informações de existências anteriores.

6.6.– Doenças Graves

Onde se tem a coleta de informações de vidas passadas, por meio de alucinações, oriundas de um estado pré-agônico ou mesmo de um grande estado febril.

6.7.– Experiências fora do corpo

6.8.– Ação de drogas

6.9.– Meditação

6.10.– Êxtase religioso

CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO

Apesar da reencarnação ser considerada uma verdade fundamental para grande maioria do planeta, indiscutivelmente no meio espírita e espiritualista, o envolvimento do meio científico nas pesquisas sobre o assunto vem crescendo paulatinamente, com nomes de vanguarda que se interessam pelo fenômeno, em vários países do mundo.

Assim, muitos trabalhos têm sido publicados, com casos que sugerem de maneira extraordinariamente forte, o retorno de uma personalidade ao corpo de carne. Vale aqui lembrar algumas dessas pesquisas que ensejam a continuidade de um maior aprofundamento científico e metodológico, para que a ciência se aproxime cada vez mais dessa realidade que une os planos físico e espiritual.

1. Caso MUNESH – Pesquisado por Banerjee e assim citado por RODRIGUES:

“Um dia, em 1955, na aldeia de Chandagari, na Índia, o menino Munesh estava sendo banhado por sua mãe. Aborrecida pelo mau comportamento da criança, a mãe lhe bateu.

- Mãe, não me bata, protestou a criança. Senão voltarei para Itrani, a minha aldeia. Sou Bhajan Singh e pertenço àquele aldeia. Tenho uma esposa, três irmãos, mãe e uma filha. Tenho uma casa, um poço, um jardim e uma fazenda. Bhagwati Devi ficou desesperada com aquela conversa fantástica de seu filho de quatro anos. Na ocasião um bom tabefe o aquietou.

Ficando mais velho, entretanto, o menino começou a dizer aos seus colegas de escola que tinha esposa e família e logo tornou-se motivo de riso de seus companheiros.

Eventualmente, um dia contou a mesma estória ao seu avô, Thakur. A estória provocou a curiosidade do velho que, depois, perguntou a um homem do distrito de Itrani se lá

tinha um tal Bhajan Singh. O homem pensou e respondeu: houve.

Em breve o avô foi a Itrani, onde não custou a descobrir que tinha havido lá um homem chamado Bhajan Singh, mas que tinha morrido de febre em 1951, deixando a esposa e uma filha.

Thakur tomou contacto imediato com a família de Bhajan Singh e lhes disse a propósito das pretensões de Munesh. A família de Bhajan Singh ficou interessada e o irmão dele e um cunhado vieram com Thakur a Chandagari, onde Munesh os identificou facilmente. Os dois homens ficaram muito impressionados pela notável semelhança de rosto e de modo de pensar entre Bhajan Singh e Munesh.

Chegado o momento de voltar a Itrani, Munesh agarrava-se ao irmão e não queria deixá-lo sair. Finalmente, quando o avô Thakur prometeu levá-lo a Itrani em poucos dias, o menino acalmou-se.

Cedo as notícias chegaram a Ayodhya Devi, viúva de Bhajan Singh, que estava vivendo em casa de seu pai, em Bisara. Cheia de admiração e curiosidade ela e sua cunhada foram a Chandagari. Ambas eram esbeltas, altas, similarmente vestidas e tinham véus, seguindo o costume de algumas mulheres indianas de ocultar a identidade em público. Quando chegaram a Chandagari os moradores se reuniram e chamaram Munesh.

- Você conhece sua mãe?, perguntou a Munesh o seu tio-avô com o intuito de confundi-lo e assim verificar se realmente ele reconheceria as mulheres. Munesh replicou que a sua mãe não estava ali e que as duas mulheres eram sua esposa e sua cunhada. De súbito segurou a mão de Ayodhya Devi. Temendo um impostor a viúva pôs o menino de lado e pediu:

- Diga-me algum acontecimento específico em nossa vida, de modo que eu possa acreditar que você é meu marido renascido. Sem a menor hesitação, disse Munesh:

- Quando eu voltei a Itrani, depois de fazer o meu exame intermediário em Agra, achei que uma querela tinha havido entre você e minha mãe. Então bati em você com o pau de bater manteiga, este quebrou-se e feriu o seu braço.

Também disse à viúva admirada um assunto conjugal íntimo, que na Índia é rigorosamente guardado em segredo entre marido e mulher. Ouvindo essas coisas que ninguém poderia ter sabido, Ayodhya Devi convenceu-se e pediu que o menino ficasse com ela em Itrani.

Munesh vai a Itrani.

Chegando a Itrani, Munesh chamou do meio da multidão o “seu” mais íntimo amigo, Bhagwati Prasad, que logo se convenceu de que Munesh era Bhajan Singh renascido. Outros também se convenceram logo, quando Munesh foi direto à sua própria casa e pulou no regaço da mãe de Bhajan Singh, com lágrimas correndo pela face. Então, Munesh fez uma volta na casa e na fazenda, comentando as mudanças sofridas após a “sua” morte.

Antes que ele deixasse Itrani todas as pessoas que haviam testemunhado a sua volta acreditaram na estranha estória de Munesh. Ele lhe havia identificado todas as suas posses, sua vontade, seu jardim, seus quatro novilhos e dois búfalos.

Quando Ayodhya voltou para Bisara, para a casa de seu pai, o menino sentiu-se muito desolado. Sentiu muito a falta dela e queria ver a sua filha em Bisara. Fez um minucioso relato do caminho para Bisara, antes que seu avô concordasse em levá-lo até lá. Em Bisara ele parou de súbito em frente de uma casa, que proclamou ser a de seu sogro, e comentou como um quarto havia sido construído onde havia apenas uma plataforma alta, antes de sua morte.

Como em Itrani, aí Munesh também reconheceu todos os parentes e amigos. Tornou-se visivelmente feliz quando viu sua filha, que tinha apenas dois anos de idade quando Bhajan Singh morreu, e que agora era mais velha do que ele. A afeição entre os dois foi tocante e Munesh não comia a não ser que ela estivesse presente.

Munesh voltou mais uma vez a Chandagari, mas estava triste e retraído, salvo quando um dos membros da família vinha visitá-lo. Quando Ayodhya Devi veio, Munesh atirou-se sobre ela e sua filha. Quando estas partiram novamente ficou triste. Aparentemente suas lembranças lhe fecharam o mundo atual. Parece que tudo quanto o satisfazia era viver com Ayodhya Devi e a filha em Itrani, como tinha vivido antes da morte de Bhajan Singh. (1985. p. 199-203).

2. Caso de PRAKASH – Pesquisado por STEVENSON, que assim relata dessa maneira sua investigação nas cidades de Kosi Kalan e Chhatta, na Índia.

“Em abril de 1950, um menino de dez anos chamado Nirmal, filho de Sri Bholanath Jain, morreu de varíola na casa de seus pais em Kosi Kalan, uma cidade do Distrito de Mathura, Uttar Pradesh.

No dia de sua morte, ele estava delirando e irritado. Ele disse duas vezes a sua mãe: “Você não é minha mãe! Você é uma Jatni. Quero a minha mãe!”. Ao dizer isso, ele apontou na direção de Mathura e de outra cidade menor chamada Chhatta, mas não se referiu a nenhuma delas pelo nome (Chhatta fica a dez quilômetros de distância de Kosi Kalan, no caminho partindo de Kosi Kalan a Mathura). Logo depois de fazer esse estranho comentário, ele morreu.

Em agosto de 1951, o enteado de Sri Brijhal Varshnay, de Chhatta, nasceu e foi chamado de Prakash. Em sua infância, Prakash chorava muito mais do que as outras crianças, mas, exceto por isso, não demonstrava nenhum comportamento incomum até a idade de quatro anos e

meio. Na época, ele começou a andar no meio da noite, correndo de casa para a rua. Quando parava, ele dizia que “pertencia” a Kosi Kalan, que seu nome era Nirmal, e que queria ir para sua antiga casa. Dizia que seu pai era Bholanath. Ele se levantou e começou a correr dessa maneira quatro ou cinco noites seguidas e depois diminuiu essa frequência, mas continuou fazendo isso durante um mês.

Prakash insistia tanto para que sua família o levasse a Kosi Kalan que, um dia, em 1956, (na esperança de acalmá-lo), seu tio paterno pegou um ônibus que seguia na direção de Mathura, colocou-o dentro e o levou para Kosi Kalan. Ele foi à loja de Sri Bholanath Jain, mas não reconheceu o local, talvez porque o estabelecimento estava fechado no momento, devido à ausência de Sri Jain. E por isso também não encontrou a família de Jain durante aquela visita. Mas eles ficaram sabendo da visita do menino.

Nessa época, em 1956, Prakash tinha cerca de cinco anos de vida, as aparentes lembranças da vida como Nirmal eram extremamente nítidas. Ele se lembrou dos nomes dos parentes e amigos de Nirmal que, em sua segunda visita a Kosi Kolan, cinco anos depois, ele não se lembrava mais. Depois de voltar de Kosi Kolan pela primeira vez, ele continuou a perturbar a família com seu desejo de voltar para lá. Eles adotaram diversas medidas em um esforço de fazer com que ele se esquecesse dessas lembranças.

Na primavera de 1961, um dos filhos mais novos de Sri Bholanath, Jagdish (irmão mais velho de Nirmal), perdeu um de seus filhos, que faleceu, um menino de três anos e meio. Logo depois, Sri Jagdish mudou-se para Kosi Kalan, saindo de Délhi, onde vivia. Em Kosi Kalan, ele ficou sabendo do menino em Chhatta, que dizia que seu nome era Nirmal e que era o filho de Bholanath Jain. No início do verão de 1961, Sri Bholanath estava em Chhatta a negócios com sua filha Memo.

Lá, ele se encontrou com Prakash, que o reconheceu como seu “pai”. Prakash também reconheceu Memo parcialmente, pensando que ela era outra irmã de Nirmal, chamada Vimla. Ele implorou a Sri Bholanath Jain que o levasse a Kosi Kalan. Ele desceu até a estação de ônibus enquanto Sri Jain e Memo estavam partindo e pediu para ir com eles.

Alguns dias depois, a mãe de Nirmal, a irmã mais velha Tara, e o irmão Devendra visitaram Prakash em Chhatta. Prakash chorou de alegria ao ver Tara, a irmã mais velha de Nirmal. Ele implorou ao pai que o levasse a Kosi Kalan. A família Jain pediu aos pais de Prakash que permitissem que ele voltasse a visitar Kosi Kalan. Prakash guiou o caminho da estação rodoviária até a casa dos Jain em Kosi Kalan.

Chegando lá, ele hesitou na frente da casa, que tinha sido muito mudada desde a morte de Nirmal. Na casa, Prakash reconheceu o outro irmão de Nirmal, duas tias e mais

alguns vizinhos, além de diversas outras partes da casa onde Nirmal havia vivido e morrido.

A família de Nirmal ficou convencida de que ele havia renascido como Prakash”. (2011, p.51-53).

Stevenson faz ainda um breve resumo do caso, citando os seguintes fatos:

“Nome da personalidade reencarnada – Nirmal.

Família de Nirmal – Bholanath Jain (pai), Parmeshwari Jain (mãe), Tara (irmã), Jagdish Jain (irmão mais velho), Memo Jain (irmã mais nova), Devendra Jain (irmão mais novo).

Reconhecimento do pai de Nirmal por Prakash, Sri Bholanath.

Cofre de ferro – havia um cofre de ferro na casa de Nirmal. Cada membro da família tinha uma gaveta no cofre com a chave para a própria gaveta. Jagdish Jain disse que, em uma de suas visitas a Kosi Kalan, Prakash levou consigo um prego que ele dizia ser a chave do cofre.

Reconhecimento da mãe de Nirmal – Quando Srimati Parmeshwari, juntamente com Tara e Devendra visitaram Prakash em Chhatta,, ele sentou-se no colo de Tara, chorou e disse, apontando para Srimati Parmeshwari: “Esta é minha mãe”.

Chamou a irmã mais velha de Nirmal, Tara, pelo nome quando a viu.

Reconhecimento de Devendra, irmão mais jovem de Nirmal.

Reconhecimento do caminho desde o ponto de ônibus até a casa de Sri Bholanath Jain.

Reconhecimento de Jagdish, irmão de Nirmal.

Reconhecimento de Sri Ramesh como vizinho que cuidava de uma pequena loja “em frente da nossa”.

Reconhecimento do local da loja de Sri Chandra Bhan.

Reconhecimento da loja do tio Narain, tio de Nirmal.

Reconhecimento de Sri Chiranji Lai e afirmação de sua profissão.

Reconhecimento do quarto, de uma corrente de diamantes pertencente ao avô de Nirmal, do médico da família de outros parentes e objetos de casa”. (2011, p. 58-62).

3. Caso de WILLIAM GEORGE JR. – Pesquisado também por STEVENSON, está assim relatado.

“Sr. William George foi, no seu tempo, um conhecido pescador no Alasca. Assim como outros Tlingits, ele acreditava em reencarnação.

No final de sua vida, ele evidentemente, foi tomado por dúvidas e também demonstrou um grade desejo de retornar. Em diversas ocasiões, ele disse a seu filho favorito (Reginald George) e à sua nora: “Se existir renascimento, voltarei como filho de vocês”.

Ele disse isso diversas vezes, acrescentando: ‘E vocês vão me reconhecer, porque terei marcas de nascença semelhantes às que tenho agora’.

Ao dizer isso apontava para duas grandes verrugas, cada uma com meia polegada de diâmetro, uma em cima de seu ombro esquerdo e outra na face interna do antebraço esquerdo, cinco centímetros abaixo da dobra de seu cotovelo.

No verão de 1949, Sr. William George, na época com cerca de 60 anos, mais uma vez expressou sua intenção de voltar depois da morte e nessa ocasião entregou a seu filho favorito um relógio de ouro dado a ele por sua mãe.

Ao fazer isso disse: ‘Vou voltar. Guarde este relógio para mim. Serei seu filho. Se isso (o renascimento) existir, voltarei’. Reginald George foi para casa para passar o fim de semana, logo depois disso, e deu o relógio a sua esposa, Susan George, contando-lhe o que o pai havia dito. Ele colocou o relógio em uma caixa de joias, onde ficou por quase cinco anos.

No início de agosto de 1949, algumas semanas depois dos acontecimentos mencionados, Sr. William George desapareceu do barco pesqueiro no qual trabalhava como capitão.

Os membros de sua tripulação não sabiam o que havia acontecido com ele, e os homens da equipe de resgate não conseguiram encontrar o corpo. Possivelmente ele havia caído do barco e a maré havia levado seu corpo para bem longe, como pode acontecer com facilidade naquelas águas.

A Sra. Reginald George, sua nora, pouco tempo depois engravidou e deu à luz no dia 5 de maio de 1950, quase nove meses depois da morte de seu sogro. O bebê foi o nono filho do casal. Durante o parto, ela sonhou que seu sogro aparecia para ela e dizia que estava esperando para ver seu filho.

Aparentemente, na época, a Sra. George não relacionou essa visão com o renascimento do sogro, porque quando acordou da anestesia, estava com medo e esperava ver seu sogro, possivelmente em uma aparição em sua antiga forma, como adulto, como ela o vira em seu sonho.

Ela viu um bebê, menino, que tinha verrugas pigmentadas na superfície superior de seu ombro esquerdo e na parte interna do antebraço esquerdo, na mesma região onde ficariam as marcas mencionadas pelo avô do menino.

Os sinais de nascença do bebê tinham cerca de metade do tamanho das de seu avô. A identificação dessas marcas de nascimento fez com que os pais dessem a ele o nome do avô, por isso ele se tornou William George Jr.

William George Jr. teve pneumonia ao completar um ano de idade. Ele não falava muito antes de completar três ou quatro anos e então começou a falar gaguejando muito, o que passou aos poucos, nos anos subsequentes, apesar de seu pai, Reginald George, ainda demonstrar muita preocupação com a incapacidade do seu filho em 1961. William George Jr. parecia ter inteligência normal, a

julgar por seu desempenho na escola e por minhas conversas com ele no Alasca.

Conforme foi crescendo, a família de William George Jr. observou um comportamento nele que intensificou a crença de que Sr. William George havia retornado. Esse comportamento era bem variado.

No primeiro grupo havia traços de coisas de que ele gostava, do que não gostava e aptidões semelhantes àsquelas de seu avô. Por exemplo, Sr. William George tinha ferido o tornozelo direito enquanto jogava basquete na juventude.

Depois disso, ele começou a caminhar mancando e com o pé direito virado para fora, e então caminhava de um modo característico. William George Jr. tinha um caminhar parecido e virava o pé direito para fora ao caminhar. Seus pais confirmaram isso e eu também notei observando William George Jr. caminhar.

Entretanto, no menino, essa anormalidade não era forte e eu duvidei que teria notado essa característica, se minha atenção não tivesse sido chamada para isso.

Membros da família também perceberam semelhanças faciais e posturais de William George Jr. e seu avô na tendência que tinha de se preocupar demais e de distribuir conselhos às pessoas a seu redor.

Ele demonstrava um conhecimento precoce de pesca e de barcos. Sabia quais eram as melhores baías onde pescar e, quando entrou pela primeira vez em um barco, parecia saber bem como cuidar das redes.

Ele também demonstrava um medo, maior do que o comum, de água para meninos de sua idade. Ele era mais sério e sensível do que outras crianças de sua idade.

Um segundo grupo de observações de William George Jr. consiste em um comportamento mostrando uma identificação quase que completa do menino com seu avô. Por exemplo, ele se referia à tia-avó como “irmã”, que era, na verdade, a relação dela com Sr. William George. Da mesma forma, ele se referia a seus tios e tias (irmãos e irmãs de Reginald George) como seus filhos e filhas.

Além disso, ele demonstrava preocupação apropriada ao comportamento deles, por exemplo, com relação à ingestão excessiva de álcool por dois de seus “filhos” (tios).

Os irmãos e as irmãs de William George Jr. entravam na personificação dele e costumavam chamá-lo de avô, e a isso ele não se opunha (a identificação de William George Jr. com seu avô havia diminuído um pouco conforme ele cresceu).

Seu pai acreditava que William George Jr. estava se tornando preocupado demais com seu passado. Ele percebeu que sua mente “vagava”. Por isso e por causa de a visões de seus “antigos parentes”, a respeito do prejuízo de se lembrar de vidas anteriores, os pais de William George Jr. o desencorajaram a falar sobre a vida de William George.

Em terceiro lugar, William George Jr. exibiu um conhecimento de pessoas e lugares que, na opinião de sua família, transcendia o que ele poderia ter aprendido por meios “normais”.

Descreverei o item mais importante em mais detalhes antes de mais nada:

Quando William George Jr. tinha entre quatro e cinco anos, a sua mãe, um dia, decidiu ver as joias de sua caixa de joias e as espalhou em seu quarto. Ela também pegou o relógio de ouro do Sr. William George da caixa.

Enquanto observava os itens, William George Jr., que estava brincando em outro cômodo, entrou no quarto. Vendo o relógio, ele o pegou e disse: ‘Este é o meu relógio’. Ele o segurou com força, dizendo que aquilo pertencia a ele, e sua mãe não conseguiu convencê-lo a soltar o relógio. Por fim, ele concordou em guardar o relógio na caixa.

Depois disso, e até 1961, William George Jr., de tempos em tempos, pedia ‘seu relógio’ aos pais. E conforme foi crescendo, pedia o relógio com mais firmeza, afirmando que deveria cuidar dele, pois já estava mais velho.

O Sr. e a Sra. Reginald George afirmaram que o relógio de ouro havia permanecido na caixa de joias desde quando a Sra. George o colocara ali, em julho de 1949, até o momento, cinco anos depois, quando ela o tirou para analisar suas joias. Ambos tinham certeza de que nunca haviam falado sobre o relógio com William George Jr., ou em sua presença.

Também na opinião deles, o reconhecimento do relógio ocorreu de modo acidental. A Sra. Reginald George não planejava mostra-lo ao menino. Ele simplesmente entrou no cômodo, onde ela estava com a caixa de joias, e as viu sem a menor indicação por parte dela.

Os pais de William George Jr. ficaram mais impressionados com o reconhecimento do relógio do que tinham ficado pela ocorrência das marcas nos mesmos pontos do que aquelas do Sr. William George. (2011, p. 312-315).

Eis a síntese que fez Stevenson sobre este caso:

“O Sr. William George sempre dizia que retornaria como filho de Reginald George, seu filho, fato presenciado pelo Sr. Walters Mays, amigo.

- O Sr. William George tinha marcas proeminentes em seu ombro esquerdo e face interna do antebraço esquerdo, abaixo do cotovelo. As marcas mediam meia polegada.

- O Sr. William George disse a seu filho e nora que eles o reconheceriam quando voltasse por causa de suas marcas.

- O Sr. William George deu a seu filho Reginald George, uma ou duas semanas antes de morrer, um relógio de bolso de ouro, afirmando: ‘Se existir reencarnação, voltarei em sua família e pedirei este relógio. Tome conta dele’.

- O Sr. Walters Mays confirma ter escutado o Sr. William George falar isso ao filho.

- A Sra. Reginald George colocou o relógio em uma caixa de joias, onde ele ficou por cinco anos até o dia em que ela o pegou, e nessa ocasião William George Jr. o reconheceu e disse que pertencia a ele.

- O Sr. William George machucou a perna quando era jovem. William George Jr. caminhava com o pé direito voltado para fora de maneira parecida com a de seu avô. William George Jr. tinha a mesma deformidade, mas com menos intensidade.

3. Caso ROGÉRIO – Trazido à luz pelo estudioso Dr. Agnelo Morato e retratado pelo Dr. Hernani Guimarães Andrade, resumido da seguinte forma:

“Após o dia 16 de julho de 1981, quando Rogério Carvalho completava quatro anos de idade, insistiu em relatar à sua mãe coisas que aconteceram com ele em outra existência. Até então seu filho não lhe havia revelado nenhum acontecimento, além das coisas próprias de sua idade. E Rogério falou aos seus pais sobre a necessidade sua de procurar um seu irmão na Vila Miramontes (antigo Arraial das Covas), distante de Franca cinco quilômetros. Maria Aparecida, a mãe, perguntou-lhe que iria ele fazer nesse lugar se lá não morava ninguém seu conhecido. Entretanto, o garoto com firmeza lhe garantiu que precisava ir encontrar-se com o Antônio Benzedor, por alcunha Cinza. Isto porque antes de desencarnar na Santa Casa em 1945, entregou a esse uma imagem de Nossa Senhora Aparecida para ele guardar. Tal a insistência sobre o mesmo assunto, que a mãe, em companhia de outros elementos ligados a esses relatos, seguiu para a Vila de Miramontes. O espanto, porém, maior para eles, quando viram o menino apontar a rua onde estava a casa do Cinza, numa favela, perto de um campo de futebol. Ao chegar a esse local, Rogério entrou sem cerimônia e dirigiu-se ao Antônio Silva (tido como Benzedor do lugar). Ele mesmo reconheceu o homem, naquela casa humilde, e explicou que ali fora buscar o objeto que lhe confiara há mais de vinte anos. Indicou em um canto onde estava um altar com o oratório, com diversas pequenas estatuetas de santos, a que lhe pertencia. Tomou-a e acrescentou ao curador: ‘Eu também fui curador e preciso corrigir muitas coisas. Com essa imagem você não vai ganhar mais dinheiro. Isto é um pecado muito grande...’. Interessante, o Cinza não discutiu nada e nem reclamou coisa alguma da criança. Deixou que ela tomasse a estatueta e a retirasse de sua casa. Contou, dias após, a mãe do Rogério, que logo que eles saíram o Antônio Silva ajoelhou-se no chão batido de sua casinha e começou a chorar e pronunciou estas imprecações:

- Meu Deus como é que esse menino soube disto?” (p. 349-350).

CONCLUSÕES

Por tudo quanto foi visto até agora, percebe-se que a ciência tem avançado e muito na busca de compreender e confirmar a reencarnação como uma lei natural do Universo.

Em referência a todos os casos aqui apresentados e àqueles outros encontrados na literatura que trata a respeito dessa matéria, o que se tem buscado é um modelo que tenha poder de explicação que, de forma racional, justifique o comportamento das personalidades analisadas, no plano de carne e no plano espiritual.

Sem dúvida, que a tese reencarnacionista tem demonstrado uma grande capacidade resolutive, em relação a outras teses levantadas pelos críticos das vidas sucessivas.

Por isso, cabe trazer à luz a palavra do ilustre GOSWAMI, quando diz textualmente:

“Isso me lembra uma história. Um garoto fez um desenho. Quando ele mostrou para os adultos, estes o elogiaram pelo belo desenho de uma cartola. ‘Mas não é uma cartola’, disse o garoto. ‘É um elefante anão engolido por uma jibóia’. No entanto, apesar dos protestos do menino, os adultos só conseguiram ver uma cartola. O leitor lembrou-se da história? Está em *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Talvez esta história represente melhor a incapacidade de muitos cientistas para admitir que há substância nas pesquisas sobre a morte e a reencarnação das últimas décadas, substância suficiente para orientar a pesquisa teórica. Esses cientistas sofrem de uma síndrome que alguns chamam de ‘vejo a coisa quando acredito nela’”. (2005, p. 88).

Na verdade, o que se percebe, ao longo dos últimos anos é um somatório de evidências, calcadas em investigações científicas apoiadas nas mais variadas metodologias, que avançam de forma rápida para uma comprovação racional da reencarnação.

Veja-se o que nos diz ANDRADE, a respeito:

“Desses estudos muita coisa surgirá acerca do renascimento. A reencarnação que, há algum tempo, era considerada uma simples crença e até mesmo uma superstição, está atualmente ganhando outro nível conceitual nos meios mais

cultos. O conceito da verdade está, sem dúvida, na evidência dos fatos. Desse modo, podemos esperar serenamente que a reencarnação será, um dia, reconhecida como mais uma lei biológica: talvez a mais importante de todas elas”. (2012, p. 363-364).

Não é demais lembrar o belo pensamento de Rubens C. Romanelli, trazido por RODRIGUES, e que diz:

“Não penses que pela porta da morte te evadirás da vida, ou que pela morte entrarás na vida. Nunca estivestes ou estarás fora da vida. Toma pois consciência da vida que jaz em tua intimidade, para tomares consciência de tua eternidade”...(1985, p.175).

Outro aspecto a considerar diz respeito às prováveis mudanças que poderiam ocorrer na conduta da sociedade, a partir da crença coletiva na reencarnação. A esse respeito, assim se pronuncia NOVAES:

“A crença coletiva traria à sociedade uma nova dimensão a respeito da vida. As pessoas enxergariam mais suas atitudes no presente. Vale dizer, porém, que tal crença coletiva não elevaria a sociedade quanto à sua ética. À crença na reencarnação, deve associar-se uma norma de conduta ética que conduza os indivíduos a uma nova realidade. O pensamento cristão é um elemento que, associado à crença da reencarnação, elevará o ser humano e melhorará a sociedade”. (1995, p. 145).

É importante frisar que, do ponto de vista individual, a reencarnação também não é capaz de ajudar ninguém. Somente a consciência de que se é um ser reencarnado poderá levar um indivíduo a um processo de reflexão, que o auxilie na sua transformação moral, com resultados positivos na sociedade em que vive.

Por essa razão é fundamental que se procure entender que a reencarnação:

1. É um mecanismo onde se estabelece a justiça divina.
2. É o fator primordial que favorece encontros e desencontros, com esquecimento do passado, propiciadores de avanços nas relações humanas.

3. É necessária para a compreensão do processo de evolução do ser humano e da sociedade.
4. Deve continuar a exigir um esforço adicional dos pesquisadores na busca de um modelo racional que seja capaz de explicar, em bases científicas, o processo reencarnatório, propiciando, assim, um grande avanço na melhoria da qualidade de vida individual e coletiva.

Finalmente, corroborando todas as ideias aqui tratadas, trazemos o pensamento de Ziolkovsky, presidente da Academia de Ciências da União Soviética em 1957, retratado por RODRIGUES dessa forma:

“Nenhuma coisa pode surgir do NADA, e não pode desaparecer no NADA. O NADA é uma abstração mental de criaturas de pequena capacidade mental” (1985, p. 180).

Com essa visão, podemos concluir com a célebre frase posta no túmulo de Allan Kardec, que diz:

*NASCEM, MORREM, RENASCER AINDA E
PROGREDIR SEM CESSAR,
TAL É A LEI.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, HERNANI GUIMARÃES (2012) – *Parapsicologia – Uma Visão Panorâmica* - São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda.
- ANDREA, JORGE (1987) – *Enfoques Científicos na Doutrina Espírita* – Rio de Janeiro: Editora Samos Ltda.
- A BIBLIA SAGRADA (1969) – *Bíblia e Chave Bíblica* – Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.
- BERG, PHILIP S. (1998) – *Reencarnação – As Rodas da Alma* – São Paulo: Centro de Estudos da Cabala.
- BERNARDO, RICARDO DI (2011) – *A Reencarnação em Xequê* – São Paulo: IntelLitera Editora.
- DELANNE, GABRIEL (1990) – *A Reencarnação* – Brasília: Federação Espírita Brasileira.
- DENIS, LÉON (2001) – *Cristianismo e Espiritismo* – Brasília: Federação Espírita Brasileira.
- FONTE, NILCE NAZARENO DA (2013) – *Pesquisa Científica: O que é e como se faz*. Disponível em: <http://www.people.ufpr.br/~nilce/metodolog.%20pesquisa%20cientifica.doc>. Acesso em: 03.jul.2015.
- GONSALES, MAGALY SONIA (2013) – *Superdotados – Precocidade Infantil e Genialidade*. Disponível em: http://www.rcespiritismo.com.br/conteudo_site/pdf. Acesso em: 03.jul.2015.
- GOSWAMI, AMIT (2005) – *A Física da Alma* – São Paulo: Editora Aleph.
- IANOLI JR., DÉCIO (2011) – *A Reencarnação como Lei Biológica* – São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda.
- KARDEC, ALLAN (2007) – *O Livro dos Espíritos* – São Paulo: Instituto de Difusão Espírita.
- MIRANDA, HERMÍNIO (1975) – *Reencarnação e Imortalidade* - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- NOVAES, ADENÁUER (1995) – *Reencarnação: Processo Educativo* – Salvador: Fundação Lar Harmonia.
- OLIVEIRA, DOMÉRIO DE (1995) – *A Reencarnação e suas Fontes Históricas*. Disponível em: www.ippb.org/textos/especiais/editora-vivencia/a-reencarnacao-e-suas-fontes-historicas. Acesso em: 03.jul.2015.
- OLIVEIRA, THEREZINHA (2010) – *A Reencarnação na História* – Disponível em: <http://www.acasadoespiritismo.com.br/Reencarnacao>. Acesso em: 03.jul.2015.
- RODRIGUES, HENRIQUE (1985) – *A Ciência do Espírito* – São Paulo: Casa Editora O Clarim.
- SHRODER, TOM (2014) – *Pesquisas Científicas sobre a Reencarnação*. Disponível em: <http://www.ippb.org.br/textos/especiais/mythos-editora>. Acesso em: 03.jul.2015.
- STEVENSON, IAN (2011) – *Reencarnação – Vinte Casos*; São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora.